

HIERARQUIAS RACIAIS, POLÍTICAS DE EXCLUSÃO E COLONIALISMO CIENTÍFICO NO BRASIL A PARTIR DA EXPEDIÇÃO THAYER (1865-1866).

Clarissa Franco de Miranda (UFC)¹,
clarissa.francom@gmail.com

RESUMO

Entre 1865 e 1866, a Expedição Thayer, liderada pelo naturalista Louis Agassiz, percorreu diversas regiões do Brasil com o objetivo declarado de investigar a origem da vida e das espécies. Inserida no contexto da expansão das ciências naturais oitocentistas, a expedição mobilizou práticas científicas, técnicas visuais e narrativas de viagem que extrapolaram a produção de conhecimento, operando como dispositivos de poder racial, colonial e patriarcal. Este trabalho analisa criticamente os registros produzidos pela Expedição Thayer — especialmente fotografias antropométricas, imagens de “tipos humanos”, diários, relatos científicos e palestras — com ênfase na subjugação das populações analisadas e fotografadas.

Partindo de uma perspectiva interseccional e decolonial, a pesquisa compreende a violência de gênero como fenômeno estrutural, articulado à raça, à colonialidade e à produção científica moderna. Argumenta-se que os corpos femininos racializados foram convertidos em objetos de observação, classificação e circulação científica, sendo despojados de agência, voz e historicidade. A fotografia, longe de atuar como instrumento neutro de registro, funcionou como tecnologia de controle dos corpos, produzindo uma gramática visual que sexualizou e hierarquizou mulheres negras e indígenas, reforçando sua posição subalterna no interior do projeto colonial do cientificismo do século XIX.

A pesquisa dialoga com os estudos feministas latino-americanos e decoloniais, especialmente com a noção de colonialidade de gênero, ao demonstrar que as hierarquias modernas de sexo e raça foram forjadas no interior do colonialismo científico. Ao mesmo tempo, problematiza os limites da representação dos sujeitos subalternizados, evidenciando

¹ Doutoranda em Sociologia (UFC). Mestra em História (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9255101928056313>

tanto os silêncios impostos pelos registros oficiais quanto as práticas cotidianas de resistência que escapam às narrativas hegemônicas. Conclui-se que a Expedição Thayer desempenhou papel central na consolidação de uma violência epistêmica e institucional que regulou corpos, saberes e existências no Brasil do século XIX, produzindo efeitos duradouros sobre os imaginários raciais e de gênero no Sul Global.

Palavras-chave: Colonialismo científico – Fotografia – Hierarquias raciais – Controle dos corpos – Expedição Thayer.

1 INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XIX foi marcada pela intensificação das expedições científicas promovidas por potências europeias e norte-americanas em territórios coloniais e pós-coloniais. Sob o discurso do progresso científico e da investigação da natureza, essas expedições articularam produção de conhecimento, interesses econômicos e projetos políticos de dominação. No Brasil, a Expedição Thayer (1865–1866), liderada por Louis Agassiz, insere-se como um exemplo emblemático do colonialismo científico, ao mobilizar práticas naturalistas, imagéticas e discursivas que contribuíram para a consolidação de hierarquias raciais, epistêmicas e de gênero.

Embora tradicionalmente analisada a partir da biografia de seus principais cientistas ou de suas contribuições para as ciências naturais, a Expedição Thayer revela-se particularmente significativa quando observada sob a ótica da violência estrutural que atravessa suas práticas e produtos. Os registros científicos, especialmente as fotografias antropométricas e os relatos de viagem, participaram ativamente da construção de uma narrativa de inferiorização das populações locais, convertendo corpos negros e indígenas em objetos de observação, classificação e controle.

Este trabalho parte do pressuposto de que a violência de gênero não se manifesta apenas em práticas diretas e explícitas, mas também em formas simbólicas, institucionais e

epistêmicas. Assim, propõe-se analisar como sujeitos racializados, principalmente de mulheres e meninas negras e indígenas foram subjugadas no interior do projeto científico da Expedição Thayer, sendo capturadas por dispositivos visuais e discursivos que as reduziram a tipos, medidas e exemplares de uma alteridade radical.

2 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, interdisciplinar e histórico-crítica, articulando contribuições da Sociologia, da História Social, da História das Ciências e dos Estudos Decoloniais. O corpus documental é composto por fontes literárias e imagéticas produzidas no âmbito da Expedição Thayer e em sua posterior circulação, incluindo diários de viagem, correspondências, publicações científicas, palestras, jornais e, especialmente, fotografias antropométricas e imagens de “tipos humanos”.

As fontes são analisadas a partir de uma perspectiva que compreende a Ciência como prática social situada, conforme propõe Bruno Latour, e a fotografia como representação e artefato, permeada por escolhas, exclusões e relações de poder. Metodologicamente, os documentos são examinados “a contrapelo”, buscando evidenciar silêncios, hierarquias e violências naturalizadas nos registros oficiais.

A análise articula três eixos: (I) a produção dos registros, considerando os contextos técnicos, científicos e políticos de sua elaboração; (II) sua circulação em circuitos editoriais, museológicos e expositivos; e (III) seus efeitos simbólicos na consolidação de imaginários raciais e de gênero. A pesquisa dialoga ainda com Gayatri Spivak, ao problematizar os limites da representação dos sujeitos subalternizados, e com Michel de Certeau, ao buscar identificar práticas cotidianas que escapam à lógica dominante da produção científica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados parciais da pesquisa indicam que a Expedição Thayer operou como um dispositivo central de violência epistêmica, no qual ciência, imagem e poder se articularam para legitimar hierarquias raciais e de gênero. As práticas científicas analisadas revelam que os corpos das populações locais, foram convertidos em superfícies de inscrição do poder colonial, sendo sistematicamente despojados de agência, voz e historicidade.

As fotografias antropométricas e os registros de tipos humanos não apenas documentaram corpos, mas produziram uma gramática visual que os fixou como inferiores, exóticos e disponíveis ao olhar científico. Ao serem enquadradas, medidas e classificadas, essas pessoas foram transformadas em evidências visuais de teorias racialistas e poligenistas, reforçando a ideia de uma hierarquia natural entre raças e sexos.

3.1 A fotografia como tecnologia de subjuração dos corpos femininos racializados

A inserção da fotografia no rol de instrumentos científicos do século XIX conferiu às imagens um estatuto de prova e objetividade. No entanto, a análise demonstra que as escolhas de enquadramento, postura, iluminação e cenário revelam um processo ativo de construção da diferença. Mulheres e meninas negras e indígenas aparecem frequentemente isoladas, em poses rígidas e descontextualizadas de suas relações sociais, sendo reduzidas a corpos observáveis e comparáveis.

Essa prática evidencia uma forma específica de violência, na medida em que os corpos femininos racializados foram sexualizados e hierarquizados, reforçando sua condição subalterna. A câmera operou, assim, como tecnologia de controle dos corpos, alinhada ao projeto colonial de classificação e dominação.

3.2 Invisibilização, silêncio e resistência nos registros científicos

Além da objetificação dos corpos femininos racializados, a pesquisa evidencia a invisibilização sistemática das mulheres enquanto produtoras de saber científico. A atuação de Elizabeth Cary Agassiz, por exemplo, foi historicamente secundarizada em relação aos seus pares masculinos, revelando as hierarquias de gênero que estruturavam a ciência oitocentista.

Ao mesmo tempo, a pesquisa busca identificar fissuras nos registros oficiais, rastros de práticas cotidianas e formas de resistência que escapam ao controle total da representação científica. Inspirada em Michel de Certeau, a análise reconhece que, mesmo em contextos de sujeição colonial, os sujeitos subalternizados fabricaram sentidos e modos de existência próprios, ainda que frequentemente silenciados pelas narrativas hegemônicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a Expedição Thayer desempenhou papel fundamental na consolidação de um projeto de colonialismo científico que articulou raça, gênero e poder no Brasil do século XIX. As práticas científicas e imagéticas analisadas produziram formas duráveis de violência simbólica e institucional, cujos corpos foram convertidos em objetos de observação e controle.

Ao dialogar com os estudos decoloniais e com a proposta da Sessão Temática sobre violência de gênero no Sul Global, este trabalho contribui para a crítica das narrativas hegemônicas da ciência e para a compreensão da violência como fenômeno estrutural e interseccional. A experiência da Expedição Thayer foi fundamental para a consolidação de debates e entendimentos científicos que contribuíram para a construção de uma imagem hierarquizada das populações do Sul Global, em especial do Brasil. Os registros, as classificações e as narrativas produzidos no âmbito dessa expedição ajudaram a naturalizar discursos que associavam diferenças raciais e culturais à suposta inferioridade biológica e moral, ao mesmo tempo em que sexualizavam corpos femininos racializados como parte de um projeto mais amplo de dominação. Tais representações não se limitaram ao campo simbólico, mas operaram como instrumentos de legitimação do controle dos corpos e da apropriação dos territórios, com especial ênfase sobre a região amazônica, concebida como espaço a ser explorado, civilizado e submetido aos interesses do pensamento científico e político europeu e norte-americano do século XIX.

REFERÊNCIAS

- AZOULAY, Ariella Aïsha. **História Potencial**: desaprender o imperialismo. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**; Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BORGES, Maria Elisa Linhares. **História & fotografia**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**: a expansão biológica da Europa, 900 – 1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (org.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- MACHADO, Maria Helena P. T.; HUBER, Sasha. **Rastros e raças de Louis Agassiz**: Fotografia, Corpo e Ciência, Ontem e Hoje . São Paulo: Capacete, 2010.
- MAIA, Ludmila de Souza. **Viajantes de saias**: Gênero, literatura e viagem em Adèle Toussaint-Samson e Nísia Floresta. São Paulo: Cosac, 2025.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A fotografia como documento** – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. In.: Tempo, n.14, 2003, p.131-151.
- PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui**: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.